

Loucura

Claudio C. Conti

Apesar de não ser um profissional da área médica e, muito menos da área psiquiátrica ou psicológica, pensamos em escrever este ensaio, não como um catedrático ou estudioso no assunto mas, expor sensações e pensamentos que podem acometer em pessoas vivenciando experiências mediúnicas, que podem ter consequências diversas, devido à falta de conhecimento, não apenas do próprio indivíduo, que pode se encontrar sem condições de uma análise da situação, mas também, daqueles que o cercam, assim como de profissionais cuja visão é baseada ainda nas considerações do século XIX, em que tudo é regido pelas leis da física clássica, o que se chama de visão newtoniana.

Apesar de apenas termos terminado o primeiro parágrafo, pode até parecer para o leigo que não nos encontramos no nosso juízo perfeito, muito sugestivo para o título do ensaio, afinal, o primeiro parágrafo começa mencionando a medicina e termina falando sobre física, quando o texto é sobre loucura. Qual a relação entre loucura e física, se é que existe alguma?

Primeiramente é necessária uma compreensão do nosso raciocínio em geral. É muito mais fácil para a mente humana elaborar pensamentos sobre assuntos que estamos envolvidos no nosso cotidiano e objetos concretos, do tipo que podemos ver e sentir. A elaboração do pensamento abstrato, isto é, transcendente à realidade sensível, requer exercício mental e é desenvolvido paulatinamente, de início sente-se uma grande dificuldade mas, com o passar do tempo, vai se tornando cada vez mais fácil. Não devemos esmorecer.

Devemos então, iniciar o estudo pelo pensamento e idéias vigentes até o final do século XIX.

É interessante ressaltar que, todo o conhecimento atingido naquela época era considerado como o ponto máximo que o conhecimento humano poderia chegar. A idéia aceita naquela época seria que as leis físicas do planeta eram as concernentes, ao que chamamos hoje, de Física Clássica, abrangendo, inclusive, o movimento dos planetas.

A Física Clássica se caracteriza pela mecânica newtoniana e a geometria euclidiana.

O universo newtoniano, baseado nos trabalhos do físico e matemático Isaac Newton, Inglaterra do século XVII, apresenta o tempo sendo considerado como uma dimensão absoluta e sem vínculo com o mundo material, fluindo do passado, passando pelo presente em direção ao futuro; a matéria como sendo composta por partículas materiais, objetos sólidos e indestrutíveis; os eventos físicos como sendo o movimento de pontos materiais, causado por atração mútua, isto é, a gravidade; e a natureza estaria submetida a um determinismo rigoroso.

A geometria euclidiana, elaborada pelo geômetra Euclides, Grécia do século III A.C., em que o espaço era absoluto, limitado a três dimensões, tridimensional, e estava sempre em repouso e seria, por si só, imutável, não considerando fatores externos.

Apesar da aparência complicada, a mecânica newtoniana e a geometria euclidiana descrevem as leis que regem os fenômenos físicos e o espaço como nós o percebemos, sendo ainda válidos para o que é considerado como “zona de dimensões médias”, isto é, o mundo como nós o percebemos através dos nossos sentidos.

No início do século XX, um físico brilhante, ponderando sobre as novas descobertas, define uma nova tendência para o pensamento físico. O absolutismo deixa de ser reinante nos processos físicos para ser relativo. Surge então, elaborada por Einstein, físico nascido na Alemanha em 1879, a Teoria da Relatividade. Nasce a Física Relativística. O espaço não é mais considerado como sendo tridimensional, sendo o tempo considerado como a quarta dimensão.

A Teoria Quântica vem expor o efeito dualístico de comportamento, se apresentando hora como matéria hora como onda, derrubou o antigo conceito de matéria; o átomo deixou de ser concebido como sendo constituído de partículas, para ser constituído como regiões de probabilidade de existência dessas partículas.

Para “traduzir” o que foi apresentado acima, o conceito de matéria e espaço, desde o século XIX, sofreu mudanças drásticas. Inicialmente acreditava-se que a matéria era constituída de partículas, sólidas e indestrutíveis, passando, então, a ser considerada como grandes regiões de espaço vazio com partículas extremamente pequenas em movimento para, ao final, ser verificado que, mesmo estas minúsculas partículas, não são objetos sólidos.

Estas descobertas nos apresentam um mundo inteiramente novo, o estudo da interação entre as partículas em muito se aproxima das propriedades dos fluidos apresentados pelos espíritos muitos anos antes. Entre as descobertas mais espetaculares podemos incluir que partículas materiais são criadas a partir de energia pura; e que, na verdade, as partículas são processos dinâmicos, que envolvem uma determinada quantidade de energia que se manifesta a nós como sua massa; todas as partículas podem ser transmutadas em outras partículas; elas podem ser criadas da energia e desfazer-se em energia.

O importante disto tudo é que, da mesma forma que a matéria precisa ser vista em uma conotação diferente, o ser humano precisa ver visto em uma conotação diferente. Da mesma forma que a matéria deve ser vista como processos dinâmicos, o ser humano precisa também ser visto como um processo dinâmico, entrando neste processo não apenas órgãos materiais de um corpo material submetido apenas a reações químicas e processos elétricos.

Joanna de Angelis, valoroso espírito, sob a psicografia de Divaldo P. Franco, no livro *O Ser Consciente*, diz que “Os avanços da Física Quântica, a Relatividade do Tempo e do Espaço, a Teoria da Incerteza, abriram perspectivas psicológicas dantes sequer sonhadas tendo-se em vista o conceito do vir-a-ser.”

Joanna de Ângelis, no mesmo livro, com relação ao ser humano, diz que “somente quando estudado na sua plenitude – espírito, perispírito e matéria – podem-se resolver todos os questionamento e desafios que o compõem...”. Um pouco mais abaixo diz que “Essa gigantesca tarefa cabe à moderna Psicologia Transpessoal ou Quarta Força, que inicia um período de real compreensão da criatura como ser indestrutível que é, fadado à felicidade.”

Após esta breve introdução retornemos ao assunto principal...

Quando uma pessoa começa a ingerir bebidas alcoólicas, após alguns goles, tem-se uma sensação peculiar, antes ainda do estado que se costuma chamar de “tonto”, tem-se a sensação de estar como que flutuando, e parece que se encontra como que fora da realidade, há uma alteração da consciência. Fixemos nossa atenção nesta sensação. Este exemplo foi utilizado por que talvez seja uma sensação que a maioria das pessoas já vivenciou.

Imaginemos, agora, uma pessoa que, sem ingerir qualquer quantidade de álcool seja acometida, subitamente, de sensação muito parecida com aquela que se tentou descrever. Primeiramente é traduzida como um pequeno mal estar, nada que um copo d'água não resolva.

Imaginemos, agora, que esta situação ocorra com uma certa frequência e que a intensidade vai gradativamente aumentando com o tempo. Não importa onde a pessoa esteja, em casa, no trabalho, dirigindo, andando, etc.

Após algum tempo, a sensação vem acompanhada de pensamentos estranhos, que não se consegue entender, tem-se a nítida impressão, ou melhor, tem-se “certeza” que tal pensamento não lhe é próprio.

Com o passar do tempo estes pensamentos se tornam mais fortemente estabelecidos na mente e a “certeza” de outrora se torna a “quase certeza” de hoje para, um pouco mais tarde, se tornar “dúvida”.

Várias definições são apresentadas para se tentar explicar a situação : estresse, cansaço, preocupação... O estresse é uma boa escolha, doença da moda, nada que umas vitaminas, uns comprimidos contendo zinco e descanso não resolva.

Só que não resolveu, passa-se então para terapia.

Com o passar do tempo, as sensações que passaram a ser acompanhadas de pensamentos estranhos, agora, são também acompanhadas de certas ações, trejeitos, que não se entende muito bem. Atos e palavras sem um motivo aparente. Não se queria fazer ou falar tal coisa e a pessoa se pergunta o porquê. Passa a ocorrer mudanças bruscas de humor sem motivo algum. Deixa de ser “estresse” para ser “depressão”.

A terapia não está ajudando muito, é necessária alguma atitude mais “forte”, inicia-se então o tratamento com anti-depressivos leves.

Com o passar do tempo, é também acometido de fortes dores de cabeça, às vezes, se encontra absorto em pensamento nenhum, olhar fitando ao longe e aparecem as convulsões, aumenta-se à dosagem dos anti-depressivos ou são substituídos por compostos mais fortes. Surge a dependência química e inicia-se o tratamento psiquiátrico.

Por fim, considerado louco por aqueles que o cercam, o indivíduo é relegado aos cuidados de uma enfermeira ou clínica especializada.

A definição de “médium” dada por Kardec no O Livro dos Médiuns é: Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens. Em menor ou maior escala, todos são médiuns, é claro que, em alguns, a mediunidade se apresenta de forma ostensiva enquanto que em outros se apresenta de forma sutil, imperceptível.

Todos estão sujeitos ao assédio de espíritos desencarnados mas, para o médium não educado, é como se mantivesse a porta permanentemente aberta, sem vigilância, podendo qualquer um entrar. No nível evolutivo dos espíritos que povoam o planeta, todos tem ainda arestas a aparar devido a erros cometidos no passado e, ainda, cometemos erros no presente, causa de muitos males a outrem que estão sempre prontos para uma desforra, seja encarnado ou desencarnado.

A obsessão, ação persistente de alguns espíritos sobre certas pessoas, começa de forma sutil, imperceptível que vai aumentando gradativamente, tecendo uma teia em que o indivíduo se enlaça e, quanto mais se debate, com sentimentos de ódio e rancor, mais se prende à teia que ambos tecem.

Chegará o dia em que todos os profissionais da saúde considerarão a obsessão como uma das causas da loucura e, aplicando-se o tratamento adequado, o quadro poderá se reverter, libertando, não apenas o doente encarnado, mas também o doente desencarnado.

A literatura Espírita está repleta de livros tratando de obsessão e da desobsessão, auxiliando tantos espíritos que se encontram a braços com esta moléstia ainda tão comum nestes dias, que se apresenta nas mais variadas intensidades desde casos tão graves como o descrito até em intensidades tão sutis que o doente nem percebe.

Referência:

- [1] Joanna de Angelis; “O Ser Consciente” (Psicografia de Divaldo P. Franco); 8ª edição, editora LEAL, página 16.
- [2] Joanna de Angelis; idem, página 18.
- [3] Allan Kardec; “O Livro dos Médiuns”; 61ª edição, editora FEB, Capítulo XXXII, página 487.